

Dimensão verbo-visual de enunciados de *Scientific American Brasil* / Verbo-Visual Dimension in Utterances from *Scientific American Brasil*

*Sheila Vieira de Camargo Grillo**

RESUMO

Os enunciados de divulgação científica caracterizam-se pelo diálogo de saberes da esfera científica com os de outras esferas. Entre as diferentes dimensões pertinentes à abordagem da divulgação científica, serão investigadas as relações entre as imagens e o texto, materializadas na parceria entre as ilustrações e o material verbal. O *corpus* da pesquisa é constituído por artigos da revista *Scientific American Brasil* no período entre 2002 e 2007. A análise focará os sentidos produzidos pela “ilustração síntese” de uma capa.

PALAVRAS-CHAVE: Dialogismo; enunciados verbo-visuais; divulgação científica

ABSTRACT

The utterances of the scientific diffusion are characterized by the dialogue between the knowledge from the scientific sphere with the others spheres. It will be investigated the relationships between the images and the text, materialized in the partnership between illustrations and verbal material. The corpus of the research is formed by articles from the magazine Scientific American Brasil published from 2002 to 2007. The analyses will focus the senses produced by the “synthetic illustration” in a cover.

KEY-WORDS: *Dialogism; Verbal-visual utterances; Scientific diffusion*

* Professora da Universidade de São Paulo – USP/CNPq; sheilagrillo@uol.com.br

INTRODUÇÃO: TEMA E OBJETIVO

Os gêneros da divulgação científica em revistas especializadas (*Pesquisa Fapesp*, *Scientific American Brasil*, *Ciência Hoje*, etc.) são tipos relativamente estáveis de enunciados que refletem e refratam as determinações das esferas da comunicação discursiva. Eles caracterizam-se pelo dialogismo de saberes da esfera científica com os de outras esferas. Esse traço permite resolver o impasse entre considerar a divulgação científica um gênero do discurso ou uma esfera, para configurá-la como uma modalidade de relação dialógica, entendida no sentido bakhtiniano de relações semânticas entre enunciados e no seu interior.¹

No conhecido texto dos anos 1950, Bakhtin postula que os três elementos dos gêneros do discurso – construção composicional, estilo e conteúdo temático – são determinados pelas esferas da comunicação discursiva. Além deles, os enunciados de divulgação científica do *corpus* desta pesquisa circulam em revistas especializadas que apresentam uma dimensão verbo-visual imprescindível para a compreensão da circulação da ciência. Essa dimensão é constituída pela relação entre imagens e textos, na perspectiva dialógica do círculo de Bakhtin e na esteira do trabalho de Brait sobre planos de expressão em que “tanto a linguagem verbal quanto a visual são acionadas de forma a provocar a interpenetração e consequente atuação conjunta” (1996, p. 65-66). O objetivo central deste artigo é identificar o dialogismo entre os planos de expressão verbal e visual, respeitando as especificidades na produção de sentidos de cada plano semiótico, a fim de descrever as regularidades no dossiê de capa e no artigo de divulgação científica em uma de suas esferas de produção, circulação e recepção.

1 FUNDAMENTOS BAKHTINIANOS À ABORDAGEM DA DIMENSÃO VERBO-VISUAL DE ENUNCIADOS

Embora este não tenha sido o objeto de estudo privilegiado do Círculo de Bakhtin, entrevemos, em alguns momentos de sua obra,

1 – Posição desenvolvida em GRILLO, 2008.

a noção de enunciado ou texto como unidade constituída de signos diversos:

O texto “subentendido”. Se entendido o texto no sentido amplo como qualquer conjunto coerente de signos, a ciência das artes (a musicologia, a teoria e a história das artes plásticas) opera com textos (obras de arte). São pensamentos sobre pensamentos, vivências das vivências, palavras sobre palavras, textos sobre textos (2003[1959-61], p. 307).

Nesse mesmo texto, Bakhtin discorre, em diversas passagens, sobre o autor como equivalente a sujeito e falante/escrevente do enunciado, tomado como princípio representador que se constitui em uma relação triádica, pois dialoga, necessariamente, com os autores dos enunciados anteriores e com os autores dos enunciados-resposta presumidos. A ideia de autoria é analisada como constitutiva não apenas de obras verbais, mas também de obras de pintura:

Encontramos autor (percebemos, compreendemos, sentimos, temos a sensação dele) em qualquer obra de arte. Por exemplo, em uma obra de pintura sempre sentimos o seu autor (o pintor), contudo nunca o vemos da maneira como vemos as imagens por ele representadas (2003[1959-61], p. 314).

A menção a textos visuais na obra do Círculo de Bakhtin associada à natureza dos gêneros do *corpus* desta pesquisa aponta para a pertinência da análise da dimensão verbo-visual dos enunciados e colocam o problema do enfoque teórico-metodológico.

Um primeiro passo para abordar o problema é diferenciar as noções de forma arquitetônica e de forma composicional. A forma arquitetônica compreende a individualização do objeto estético pelo autor-criador e pelo leitor, processo que envolve valores cognitivos e éticos da vida e acabamento estético. A forma composicional realiza uma forma arquitetônica na organização do material semiótico (verbal, iconográfico, sonoro, etc.) em um todo, do qual cada uma das partes dirige-se a um fim. Embora a expressão “forma arquitetônica” desapareça nos textos dos anos 1950, podemos identificar, em “Os gêneros do discurso”, sua presença na delimitação do segundo elemento do enunciado: o projeto de discurso ou vontade de discurso do falante. Entendemos que a dimensão verbo-visual dos enunciados de divulgação científica é, por um lado, um momento da organização do

material verbo-visual na construção composicional e, por outro, a materialização do projeto discursivo do autor.

Um segundo passo é considerar a autoria dos enunciados de divulgação científica, nos quais imagens e texto são produzidos por autores distintos. Normalmente, é o editor de arte que se encarrega da seleção e articulação das imagens com o texto, mas, mesmo quando é o autor do texto quem seleciona as imagens, elas são elaboradas por outros sujeitos, retiradas de livros, feitas por ilustradores especialmente para acompanhar o texto, etc. Laforest (2005) analisa as ilustrações na obra *Alice no país das maravilhas* e depreende que elas funcionam, primeiramente, em virtude de um princípio de repetição – reconta-se a história em um outro registro semiótico –, mas também como passagem a um nível “meta”, novo espaço semântico onde se exporia um modo alterado de um possível jogo citacional. Do ponto de vista do receptor, as imagens são lidas conjuntamente com os aspectos verbais do peritexto, constituindo-se em um primeiro nível de leitura que pode ou não ser seguido pela leitura do texto integral.

Sintetizando, o projeto de discurso do autor materializa-se na elaboração de uma forma/construção composicional,² que é concebida como a organização do material semiótico em um todo teleologicamente orientado. Em razão da autoria coletiva dos enunciados de divulgação científica, os textos e o peritexto verbo-visual têm origens autorais distintas. A autoria diversa somada às especificidades dos materiais semióticos leva-nos a postular que a construção composicional dos textos analisados constitui-se de duas dimensões: uma verbal e outra verbo-visual. Essa distinção tem a vantagem metodológica de promover a observação, a descrição e a análise de relações dialógicas e de fenômenos bivocais.

2 BREVE PERFIL EDITORIAL

A revista *Scientific American* (Sciam) é produzida, em sua versão brasileira, pela *Duetto Editorial*. Surgiu, em 2002, de uma junção en-

2 – Em “O problema do conteúdo, do material e da forma” (1993[1924]), Bakhtin utiliza a expressão russa “forma composicional” (“kompositsiionnyi form”), enquanto que, em “Os gêneros do discurso” (2003[1952-53]), emprega “construção composicional” (“kompositsiionnoe postroenie”).

tre as editoras *Segmento*, especializada em publicações segmentadas e corporativas, e *Ediouro*, conhecida por suas edições “de bolso” de obras de literatura, filosofia, etc. A *Duetto* vem investindo em publicações de divulgação de saberes acadêmicos, ao publicar as revistas *Língua Portuguesa*, *História Viva*, *Mente&Cérebro* e *Entrelivros*. *Sciam* tem uma tiragem média de 33.000 exemplares, comercializados em bancas de jornais, por assinaturas e por encomendas diretamente ao setor comercial da *Duetto Editorial*.

A revista *Sciam* teve início em 1845 pela iniciativa do inventor norte-americano Rufus Porter. É a publicação sem interrupção mais antiga dos Estados Unidos. A revista fundou a primeira agência de patentes dos Estados Unidos em 1850, com o propósito de prover ajuda técnica e orientação legal a inventores. Em 1986, Verlagsgruppe Georg Von Holtzbrinck, um grupo editorial alemão, comprou *Scientific American* que, atualmente, é editada em 20 países e em 16 idiomas. Em seu site, os editores da revista declaram que seu objetivo é a divulgação dos desenvolvimentos em ciência e tecnologia e, conforme proposta no editorial da primeira edição brasileira (junho/2002), “cumpre, com qualidade reconhecida, o desafio de traduzir, em linguagem precisa e acessível, o universo novo de conhecimento gestado pela ciência” (p. 8). A ideia de “tradução” constitui uma das autorrepresentações dos agentes de divulgação da ciência, apontando para a metáfora do “fosso” entre os saberes científicos e os saberes cotidianos.

Antes de ser publicada pela *Duetto*, os editores de *Sciam* propuseram uma parceria com a Fapesp. Entretanto, o foco na ciência nacional da publicação brasileira impediu um acordo, pois

a FAPESP não abria mão de manter 70% da material editorial da revista vinculado à produção científica brasileira, enquanto o candidato a parceiro queria ter no mínimo 50% do material originário da produção internacional da *Scientific American* (*Pesquisa Fapesp*, 2004, p. 52).

3 METODOLOGIA DA CONSTITUIÇÃO DO CORPUS

A fim de verificar a influência das esferas e as regularidades do gênero sobre o modo de divulgação da ciência em *Scientific American Brasil*, foi selecionado um *corpus* de textos constituído a partir de três

critérios: a diacronia da revista, o gênero dossiê e artigo de capa, e a presença das três grandes áreas científicas (humanas, exatas e da vida).

Em termos diacrônicos, foram selecionadas duas edições por ano distribuídas entre junho de 2002 – primeiro número do primeiro ano – e outubro de 2007, totalizando 12 exemplares. Diferentemente de *Pesquisa Fapesp* (outra publicação integrante do *corpus* mais amplo desta pesquisa, que servirá, neste artigo, como termo de comparação) que evolui do formato boletim para o de revista e que tem um período mais longo de existência, as edições da *Sciam* brasileira apresentam, por um lado, uma composição estável desde seu início, em razão, certamente, de sua longa história internacional, mas, por outro, possuem um breve período no Brasil, apenas 5 anos à época da coleta do *corpus*, motivando a seleção de duas edições por ano, a fim de se aproximar, quantitativamente, do *corpus* da publicação paulista *Pesquisa Fapesp*.

O resultado foi a seleção das seguintes edições: n.1 (junho/2002); n. 7 (dezembro/2002); n.15 (agosto/2003); n. 18 (novembro/2003); n. 20 (janeiro/2004); n. 29 (outubro/2004); n. 34 (março/2005); n. 35 (abril/2005); n. 53 (outubro/2006); n. 50 (julho/2006); n. 61 (junho/2007); n. 65 (outubro/2007). A distribuição cronológica do *corpus* objetiva verificar a evolução da publicação em termos da constituição dos gêneros dossiê de capa e artigo.

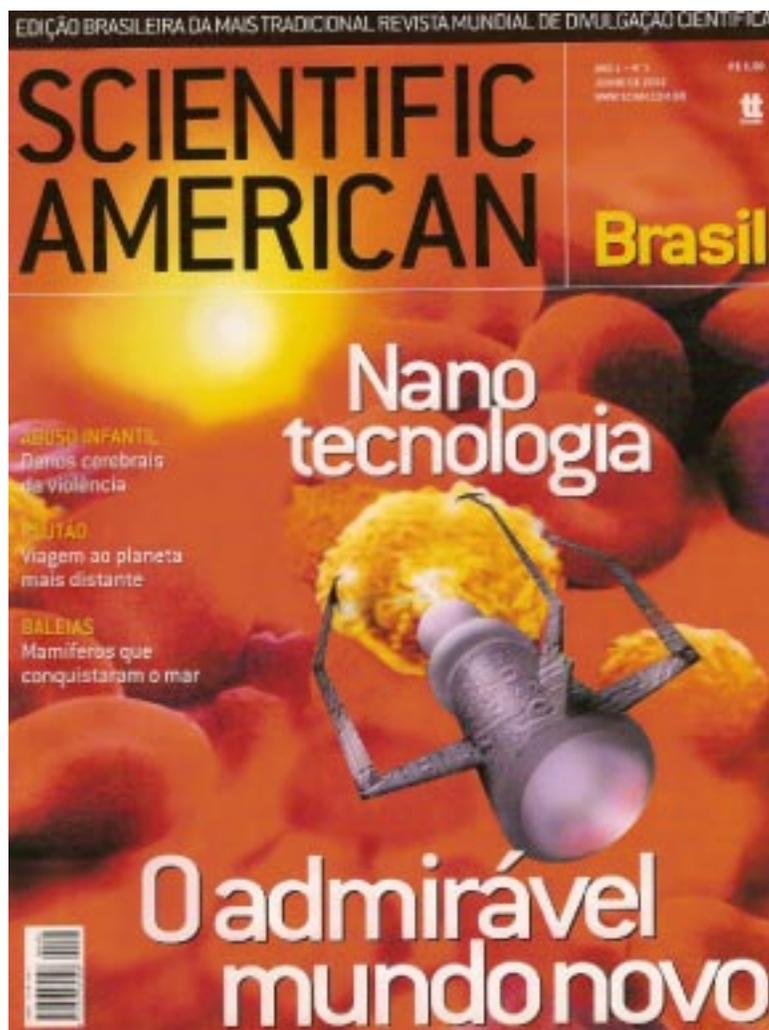
4 DIMENSÃO VERBO-VISUAL: A ILUSTRAÇÃO SÍNTESE

As capas de *Sciam* configuram o que Bakhtin (2003[1920-1924]) chama de “acontecimento cognitivo”, pois a consciência da ciência é uma consciência única que ignora a individualidade do sujeito cognoscente em proveito do conhecimento. O acontecimento cognitivo em *Sciam* é reforçado pela menor presença de fotografias de cientistas, em comparação com a *Pesquisa Fapesp*, e pelo maior número de esquemas ilustrativos provenientes da esfera científica.

A ilustração-síntese compreende o uso de imagens para sintetizar e reforçar sentidos presentes no texto e no material verbal do peritexto – em particular título, título-auxiliar e legenda. A ilustração-síntese participa da construção do conteúdo temático da reportagem de capa, entendida como os princípios de seleção, valo-

ração e acabamento do objeto ou referente do enunciado. A natureza contínua, pouco afeita a segmentações, das imagens colabora para seu uso na construção do conteúdo temático global dos dossiês de *Sciam*. Dividindo espaço com o título e com o título-auxiliar, a ilustração-síntese ocorre em dois momentos da reportagem: na capa da revista e nas páginas de abertura do interior. Esse início é justamente o lugar privilegiado de antecipação do sentido geral do texto e momento-chave na decisão pela leitura.

A ilustração da capa da edição nº 1 da *Sciam* (jun. 2002) apresenta procedimentos verbais e iconográficos que delineiam a busca, ainda em formação, do perfil editorial e do leitor presumido da revista. A escolha do tema, nanotecnologia, remete a um leitor com alto grau de escolaridade e relativamente familiarizado com os saberes atuais produzidos na esfera científica. Uma amostra deles encontra-se na seção de “Cartas” que conta, na primeira edição, com, entre outros, os nomes de Carlos Henrique de Brito Cruz (à época Diretor do Instituto de Física da Unicamp), de Wilson Bueno (editor de jornalismo científico online) e de Antônio J. R. Valverde (Professor do Departamento de Filosofia da PUC-SP).



Scientific American Brasil, ano 1, nº 1, jun. 2002

Entre os diversos títulos, o tema do dossiê de capa destaca-se pelo tamanho e espessura das letras e pela imagem a ele associada. Linguagem verbal e visual articulam-se para compor um conjunto que se rege pelos signos de futurismo, da ficção científica e da esperança no desenvolvimento e na aplicação dos saberes científicos. O título “Nano tecnologia. O admirável mundo novo” está estruturado, verbal e espacialmente, em duas partes: na primeira, apresenta-se o

domínio científico que será tema da reportagem; e, na segunda, faz-se um comentário avaliativo, apelando para a esperança e para a novidade científica, por meio da alusão ao título do livro de Aldous Huxley, procedimento intertextual recorrente na esfera midiática, porém ausente das outras 11 edições do *corpus*. Esse uso singular parece configurar um elemento de busca e experimentação do editor, que não o incorporará como algo a dar identidade à publicação.

A imagem constitui-se em um esquema-focalização para representar um “nanorobô³ recuperando células no sangue” (*Sciam*, jun. 2002, p. 8), descrito na reprodução dessa imagem que acompanha o texto do editor da revista.

3 – A grafia desta palavra oscila entre “nanorobô” e “nanorrobô” no interior do dossiê.

2) Como toda ilustração, suas formas e cores procuram se aproximar do figurativo ou imitar a realidade. Variante do esquema ilustrativo, propomos a expressão “esquema-focalização”, para designar imagens que se compõem de uma única figura que representa, por exemplo, um microorganismo passível de ser visto apenas com instrumentos científicos como o telescópio.

Tal como ocorre com os esquemas ilustrativos, suas formas e cores procuram se aproximar do figurativo ou imitar a realidade, ou seja, o forte tom vermelho que predomina na capa representa a cor dos glóbulos vermelhos do sangue. O pequeno objeto em cinza metálico remete à cor de ferramentas cirúrgicas. O amarelo delimita o glóbulo, alguma célula estranha sendo capturada pelo nanorrobô. O amarelo configura ainda uma luz no fundo da imagem a qual, pelo princípio mimético, pode remeter ao sol, símbolo da esperança futura depositada nessa tecnologia. Esse amarelo ao fundo, porém, pode representar outra realidade, por exemplo, um raio de luz de algum aparelho médico.

Os sentidos produzidos por elementos verbais e visuais da capa contrastam, porém, com a afirmação do cientista Paul Alivisatos, autor do último artigo do dossiê:

Nos últimos 35 anos, foram feitos grandes progressos na fabricação de aparelhos complexos em escalas cada vez menores, levando algumas pessoas a acreditar que minúsculos autômatos estarão em breve transitando pelas veias de qualquer pessoa.

Assim como a maioria dos pesquisadores, acredito que tais ideias realmente pertençam aos domínios da ficção científica. No entanto, a nanotecnologia tem potencial para aumentar as pesquisas no campo das ferramentas biomédicas, produzindo por exemplo novos tipos de marcadores para experimentos destinados a revelar grupos de genes ativos em células (*Sciam*, n. 1, jun. 2002, p. 44).

Por outro lado, coadunam-se com as proposições do cientista Eric Drexler, parafraseadas no texto do primeiro artigo do dossiê:

As propostas de Drexler pareciam ainda mais extravagantes que as apresentadas por Feynman. Seu projeto era produzir objetos a partir de moléculas, manipulando átomos individualmente, como tijolos na construção de uma casa.

Mas isso ainda não era tudo. Objetos muito diferentes entre si seriam construídos por um exército de nanorrobôs, engenhocas nanoestruturadas, pequenas o suficiente para não serem observadas a olho nu. Os nanorrobôs poderiam fazer muito mais que construções novas. Deveriam ser capazes de reconstruir estruturas no interior do corpo humano, revitalizando células e pondo fim ao processo de envelhecimento. Da mesma forma, teriam capacidade de redesenhar estruturas biológicas, evitando uma série de doenças de origem genética (*Sciam*, n. 1, jun. 2002, p. 36).

O cotejo entre esses dois fragmentos mostra que há vozes em conflito sobre o tema do enunciado, porém elas não são colocadas diretamente em diálogo dentro do dossiê. O fragmento de Paul Alivisatos estabelece uma relação de polêmica, presente em expressões como “Foram feitos grandes progressos na fabricação de aparelhos complexos em escalas cada vez menores, levando algumas pessoas a acreditar... Assim como a maioria dos pesquisadores, acredito que tais ideias realmente pertençam ao domínio da ficção científica”. Conforme propõe Bakhtin (1997[1963]), enquanto a polêmica aberta é dirigida contra o discurso alheio, a polêmica velada está voltada, primeiramente, a um objeto habitual e indiretamente insurge-se contra o discurso alheio. O fragmento de Paul Alivisatos aborda os progressos na nanotecnologia, para, em seguida, combater expectativas equivocadas contra esses avanços, configurando a bivocalidade da polêmica velada. Além disso, os autores dos discursos combatidos não são delimitados claramente, usando, para isso, a sempre providencial voz passiva. Essas relações dialógicas de tipo polêmico evidenciam que os enunciados de *Sciam* são constituídos pelo que Moirand (2007) concebe como “dialogismo intertextual plurilógico”, no qual são mobilizadas diferentes “comunidades languageiras” (*communautés langagières*).⁴

4 – Na continuidade da noção de “comunidade discursiva” elaborada nos anos 1980 por Maingueneau, as “comunidades languageiras” de Moirand (2007) são classes de enunciadore, às quais se pertence conscientemente, caracterizadas por posicionamentos sociais e por formas ritualizadas de gêneros nos quais os dizeres são inscritos. O termo “languageira” enfatiza que os posicionamentos ideológicos materializam-se não apenas na linguagem verbal, mas também em outros sistemas semióticos.

Nos anos 1980, Authier-Revuz (1998[1982]: 125) constata que o discurso científico, divulgado em revistas como *Science et vie* (Ciência e Vida), *Science et Avenir* (Ciência e Futuro) e o caderno “Ciências e Técnicas” do jornal francês *Le Monde*, é construído como “um discurso absoluto, homogêneo, monológico”. Nessa mesma direção, recentemente, Moirand (2007) defende que, em sua difusão na França, as ciências do universo ou Astronomia, após a sua libertação dos entraves religiosos e de sua distinção da Astrologia em favor do racionalismo, falam uma única voz. Diferentemente, a divulgação de Sciam não opera sobre o consenso, mas traz à tona as diferentes vozes em conflito na esfera científica.

De volta à ilustração-síntese e com vozes de dois dos artigos do dossiê em mente, podemos redimensionar o papel dos procedimentos verbais e iconográficos na composição da capa. Eles colocam em diálogo, por meio das projeções da ficção científica, as diferentes vozes de locutores da esfera científica. Nesse diálogo, a bivocalidade das posições dos dois cientistas, Feynman e Alivisatos, se faz ouvir: estaria a revista assumindo a possibilidade futura de nanorrobôs circulando no interior de nossos corpos? A alusão ao título de obra literária sugeriria que tratar-se-ia de pura ficção?

O diálogo com o leitor presumido é um dos principais princípios de construção de capas de revista. Nessa direção, o enunciado verbo-visual pode produzir diferentes sentidos em função do leitor: aquele leitor que conhece o domínio científico e vê a capa como estratégia comercial para captar o interesse do leitor não-especialista no assunto; aquele leitor que, por desconhecer a obra de ficção, não percebe a alusão e toma o enunciado como uma realidade científica; ou ainda aquele leitor que, ciente da alusão,⁵ percebe um conflito entre possibilidades atuais da ciência e a ficção das projeções futuras de sua aplicação.

5 – Esta capa foi associada pela doutoranda Adriana Pucci (PUC-SP) ao filme “Viagem insólita” (*Innerspace*, EUA, 1987, dir. Joe Dante), no qual um experimento miniaturiza uma nave que é injetada no corpo de um homem.

APONTAMENTOS FINAIS

A construção composicional dos gêneros da divulgação científica compõe-se, além do texto verbal, de uma dimensão verbo-visual. Essa dimensão, nas capas de revistas como *Sciam* e *Pesquisa Fapesp*, é constituída pelo que denominamos “ilustração-síntese”. Nela, os elementos verbais e visuais sintetizam e reforçam sentidos presentes no texto do interior da revista. Na capa do primeiro número da *Sciam* Brasil, um esquema-focalização e o título reúnem pontos de vista em relação polêmica; configurando, com isso, um enunciado bivocal que articula verbo-visualmente, o que ocorria separadamente nos artigos do dossiê.

Esse aspecto precisa ser aprofundado na análise do conjunto do *corpus*, a fim de se comprovar se os dossiês de *Sciam* caracterizam-se pelo que Moirand (2007) chama de dialogismo plurilógico, ou seja, a esfera científica não falaria uma única voz nos enunciados de *Sciam*.

Apenas na capa do dossiê ocorre o diálogo entre ciência e a esfera literária, esta presente na alusão ao título do romance de Aldous Huxley. Esse diálogo de esferas associado ao conteúdo temático delineiam os leitores presumidos da revista, ao mesmo tempo em que apontam para algumas leituras possíveis.

REFERÊNCIAS

AUTHIER-REVUZ, J. (1982) A encenação da comunicação no discurso de divulgação científica. In: *Palavras incertas: as não-coincidências do dizer*. Campinas: Unicamp, 1998. p. 107- 131.

BAKHTIN, M. (1924). O problema do conteúdo, do material e da forma na criação literária. In: *Questões de literatura e estética. A teoria do romance*. 3. ed. Trad. A. F. Bernadini et al. São Paulo: Unesp, 1993.

_____. (1963). *Problemas da poética de Dostoiévski*. 2. ed. Trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

_____. (1952-1953). Os gêneros do discurso. In: *Estética da criação verbal*. 4. ed. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 261-306.

_____. (1959-1961). O problema do texto em linguística, em filologia e em outras ciências humanas. In: *Estética da criação verbal*. 4. ed. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. Apontamentos de 1970-1971. In: *Estética da criação verbal*. 4. ed. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 367-392.

BAKHTIN, M. M.; MEDVEDEV, P. N. (1928). *The formal method in literary scholarship*: a critical introduction to sociological poetics. Trad. A. J. Wehrle, Baltimore/London: Johns Hopkins Press, 1991.

BENSAUDE-VINCENT, B. *La science contre l'opinion*: histoire d'un divorce. Paris: Les Empêcheurs de penser en rond/Le Seuil, 2003.

BRAIT, B. *Ironia em perspectiva polifônica*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1996.

BRASQUET-LOUBEYRE, M. L'image et le texte. In: BEACCO, Jean-Claude. *L'astronomie dans les médias*. Analyses linguistiques de discours de vulgarisation. Paris: Presses de la Sorbonne Nouvelle, 1999. p. 85-138.

CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. (Ed.). *Dictionnaire d'analyse du discours*. Paris: Seuil, 2002.

GRILLO, S. V. C. Gêneros primários e gêneros secundários no círculo de Bakhtin: implicações para a divulgação científica. *Alfa*, ILCSE/UNESP, v. 52, n. 1, p. 57-79, 2008.

GRILLO, S.V.C. Enunciados verbo-visuais na divulgação científica. *Revista da Anpoll*, Belo Horizonte, n. 27, 2009. no prelo.

LAFORREST, D. L'image dans le texte: entre subordination et citation. In: POPELARD, M.-D.; WALL, A. *Citer l'autre*. Paris: Presses Sorbonne Nouvelle, 2005. p. 113-123.

MOIRAND, S. Discursos sobre a ciência e posicionamentos ideológicos: retorno sobre as noções de formação discursiva e de memória discursiva. In: BARONAS, R.L. (Org.). *Análise do discurso*: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva. São Carlos: Pedro e João Editores, 2007. p. 183-214.

Recebido em 30/08/2009

Aprovado em 03/10/2009